

Três séculos depois, a sobrevivência

Entre a selva e a cidade, a busca do índio por si próprio

É bem provável que, daqui a 50 anos, o rico universo cultural dos índios Munduruku sobreviva apenas nos museus de história e antropologia. Passados cerca de 300 anos do primeiro contato com os "civilizados", os Munduruku lembram bem mais os proletários dos cinturões de miséria urbana do que uma Nação indígena: andam sempre vestidos, simplesmente, escutam rádio, dançam o brega, clareiam os cabelos com água oxigenada, festejam o Natal e a Páscoa e são poucos os que ainda recordam de Karusakaebe, seu deus primitivo. Do massacre cultural à adoção do papel-moeda foi apenas um passo: hoje os Munduruku padecem da febre do ouro, contraída nos garimpos da região de Itaituba, onde se localizam os seus 948.561 hectares de terra.

A febre do ouro abriu as portas de Mundurukânia para gravíssimos problemas sanitários. De 21 a 29 deste mês, a Fundação Nacional do Índio (Funai), Força Aérea Brasileira (FAB) e a Superintendência de Campanhas (Sucam) realizaram ali uma operação especial de saúde e ficaram alarmados com o que descobriram — uma incidência de malária de 44%, em seis das 11 aldeias da reserva. E que os índios mais jovens, ao se dirigirem aos garimpos de Itaituba, retornam, invariavelmente, com o bacilo da doença, que o mosquito anophelinus se incumbem de disseminar. Na semana passada, os doentes foram tratados e, os focos do mosquito, destruídos. Mas, como integrantes da própria Funai reconhecem, a operação funcionou bem mais como um paliativo, porque os índios persistem na garimpagem.

Mortes e desodorantes
No início deste ano, recorda a irmã Maria José Alves de Lima, da congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, uma criança morreu de malária, porque as mulheres começaram a freqüentar o garimpo, em companhia de seus maridos. Na missão de São Francisco — onde vivem cerca de 600 índios, coordenada pela irmã Maria José, já houve casos, inclusive, de doenças venéreas. Existe, entre eles, um grupo que, à falta de bebidas alcólicas, ingere até desodorantes e perfumes. Encravada na parte leste da reserva, a 410 quilômetros de Itaituba e a 200 quilômetros de Jacareacanga (o aglomerado branco mais próximo) a missão estaria isolada do resto do mundo não fossem os aviões da FAB que por lá aparecem quinzenalmente.

As 11 aldeias da reserva, todas ao longo do rio Cururu, abrigam 1.397 índios. O restante — eles são, ao todo, 4.500, entre Munduruku e Kaiabi — encontra-se espalhado, em pequenos grupos, por toda a vasta extensão de Mundurukânia. E foi nesta rica planície, onde abundam seringueiras e castanhas, que floresceram aqueles que já foram, um dia, os mais temíveis guerreiros destas bandas, chamados, sintomaticamente, por seus inimigos, de "pain-kice" (corta-cabeças). Munduruku, aliás, é um nome pejorativo, ganho a partir das várias incursões feitas a outras tribos, em busca de mulheres e crianças: uma alusão ao hábito de cortar cabeças, mumificá-las e pendurá-las, em estacas, à frente das aldeias. Ou, ainda, ao hábito de pintar de negro os rostos, nas guerras.

A peso de ouro
Hoje, os Munduruku são pacíficos, entendem-se até com seus piores inimigos, os Kaiapó, mas continuam assediados pelos brancos, que os enganam despojadamente. Na semana passada, um índio exibiu um relógio dourado de marca barata, adquirido, em Itaituba, por 15 gramas de ouro. E, na ânsia de conquistarem as mesmas condições de vida dos civilizados, enfrentam qualquer desafio — a caminhada aos garimpos de Cabruá e Santo Antônio, localizados dentro da reserva, dura três dias, a partir da missão. Outro garimpo, o das Tropas, também procurado pelos índios, fica ainda mais distante, no limite Norte da reserva com Itaituba, fora dos domínios de Mundurukânia.

A corrida ao ouro é tão acentuada que, na semana passada, contavam-se pouquíssimos homens jovens em qualquer aldeia que se visitasse. Na missão, estimava-se em pelo menos 10% o total da população masculina que havia partido rumo aos garimpos. Lá, eles se expõem a um mal ainda mais temível que a malária: o mercúrio, usado de forma perniciosamente, em Itaituba, para a lavagem do ouro. De efeito cumulativo — ele não é eliminado pelo organismo — o mercúrio pode provocar não só a morte dos que o manuseiam, mas efeitos teratogênicos nos filhos que porventura venham a conceber.

O valor do papel
Com o dinheiro do garimpo, parcela dos Munduruku passou a comercializar, nas aldeias, objetos trazidos de Itaituba. Até 72, conta a irmã Maria José, eles não usavam dinheiro, utilizando-se apenas do sistema de trocas. Mas como eram explorados pelos comerciantes dos "regatões", as missionárias acharam que o melhor seria ensinar-lhes o valor do papel. Hoje, os Munduruku trocam apenas o que é de produção comum, mas continuam sendo explorados. A semelhança de todos os pequenos produtores do país, vivem a mercê do cartel dos intermediários. Assim, a castanha-do-Pará, que alcança preços altíssimos no mercado internacional, é comercializada, na missão, por Cz\$ 60,00, a lata de 10 quilos, o que já é considerado muito bom — em outras localidades, ela custa somente Cz\$ 15,00.

O dinheiro gerou a introdução, em Mundurukânia, de objetos como as máquinas de costura e aparelhos de som e a substituição das panelas de barro pelos utensílios de alumínio. As facilidades modernas ocasionam a lenta morte da produção cerâmica e de pentes e os Munduruku limitam-se a confeccionar colares e cestas de palha. Na reserva, já não se produzem artigos de penas coloridas, a não ser a pedido de visitantes, são raros os arcos e flexas — gradativamente substituídos pelas espingardas de caça — e até as bebidas típicas, como a "garapa doida", a base de cal-



Já são poucos os que sabem tocar o parecei.

do de cana e suco de abacaxi, cederam lugar à cachaça.

Cacique ou capitão
A memória Munduruku, toda ela oral, transmite-se basicamente através dos cantos, sobre o dia-a-dia da tribo e seu habitat, e das histórias narradas às crianças pelos mais velhos. Entretanto, nota a irmã Maria José, os índios apenas conservam as músicas compostas no passado, sem nada produzir de novo. Os mais velhos são poucos e, por vezes, dizem desconhecer a própria história. Na aldeia Caroyal, o cacique Araci Borum, de idade indefinida, não recorda sequer o nome de Karusakaebe, o antigo deus Munduruku, e nem o motivo da tribo ser assim conhecida. "Ninguém se interessa por essas coisas, porque os nossos capitães (como são chamados os caciques) também não se interessam" — diz o índio Osvaldo Ouaru.

Osvaldo, de 36, aponta um outro fator para esse esquecimento: o pequeno número de velhos e as dificuldades para ensinar os mais jovens, "que também não dispõem de tempo para essas coisas, por causa da civilização da gente que está subindo demais". Ele, porém, não se importa com isso e só de vez em quando conversa sobre o assunto com outros in-

dios, "para não esquecer dessas coisas". De nômades, os Munduruku tornaram-se agricultores porque, segundo Osvaldo, "agora tem muito pariatu (civilizado) ao redor da gente e nós não podemos sair, para não perder nossas terras".

Bonecas de olhos azuis

Dos 119 índios da aldeia Caroyal, 25 são alunos da professora Francisca Rodrigues de Souza, uma cearense de 36 anos, há mais de três na reserva. A escola — onde os nomes mais comuns são Luisa, Maria e Francisca — atende alunos dos 7 aos 25 anos e ensina português, matemática, ciências e estudos sociais, somente até a 1ª série do 1º Grau. Francisca reconhece que o conteúdo das disciplinas "é mais cultura de branco". Mas, assegura, vem lutando para "levantar a cultura deles" porque, ao chegar naquelas paragens, "já não havia mais nada, a não ser alguma coisa de artesanato".

No último sábado, Francisca e as crianças da escola organizaram uma festa de despedida para a enfermeira Ivanice Gomes da Silva, que faz as vezes de professora e agora se encontra em férias. A festa lembrava, também, a passagem do Natal. Após cantarem



A boneca loura e os colares de contas.



Muitas crianças, poucos jovens nas aldeias.



O avião da FAB leva a assistência — mas a sedução do ouro arrasta os jovens a pé para os garimpos.

algumas músicas na língua Munduruku, as crianças — com pinturas feitas a batom — atacaram de "Fui à Espanha" e "Terezinha". Foram presenteadas com bonecas louras de olhos azuis, bolas de futebol, sabonetes, pastas de dentes e biscoitos: doações da Funai.

Um retorno impossível

O primeiro contato entre os Munduruku e os missionários da Ordem de São Francisco ocorreu em 1875, através do frei Pelino de Castroalva. Em 1910, alguns deles já sabiam o português e acabaram batizados por frei Hugo, a pedido do cacique João. Há 9 anos em Mundurukânia, irmã Maria José admite que, a princípio, "isso pode ter sido uma violência". Mas acredita que violência semelhante seria tentar fazê-los retornar às suas antigas crenças, após 100 anos de cristianização. "Nós procuramos respeitá-los em sua cultura, mas também respeitá-los nos princípios cristãos que adotam. Eles nos pedem para batizar seus filhos e abençoar-lhes os casamentos" — afirma.

Até hoje os Munduruku não encontram dificuldades para mudar de casa — a simplicidade da vida que levam permite que todos os seus pertences sejam carregados em uma canoa. Querem, porém, que seus filhos aprendam o português, segundo irmã Maria José, "para que saibam o que os brancos pensam e assim possam se defender daqueles que pretendem explorá-los". O tenente-coronel médico Getúlio de Carvalho Galvão, da Aeronáutica, defende a aculturação dos indígenas, por acreditar que, dessa forma, as conseqüências do processo de integração com o homem branco alcançarão nuances bem mais suaves.

— A pressão demográfica é inexorável. A taxa de crescimento da população brasileira é de 2,5% ao ano e isso vai se refletir, necessariamente, em expansão territorial. Se não houvesse esse processo antecipado de aculturação e integração, todos os vícios de um processo de colonização a esmo, como ocor-

reu em Altamira, se acelerariam, incidindo sobre pessoas inteiramente puras.

Um índio ideal?

O coronel Getúlio baseia seu raciocínio, também, na situação do caboclo amazônida, "um índio aculturado". E, lembra, os aventureiros brancos são capazes de chegar aos locais mais inacessíveis, como a aldeia dos Apalai, na fronteira do Pará com a Guiana, onde foram registrados casos de gonorréia. Seu ideal de índio é Osvaldo Ouaru, "que fala português e Munduruku, entende de mecânica, dirige barcos e tratores e é uma pessoa saudável, pois entende, entre outras coisas, que se for ao garimpo pode adoecer de malária". A seu ver, "é preferível ter um Osvaldo do que um velho Munduruku, fixado em sua língua e indefeso".

"Nós procuramos preparar os índios para que eles assumam sua vida e história" — diz a irmã Maria José. Na missão, os Munduruku são treinados para auxiliar nos atendimentos de saúde, incluindo próteses, extrações e pesquisa, em laboratório, de parasitos nas fezes. Lá, metade da população é constituída de crianças — em torno de 300 — e o cacique Francisco Akai, de 64 anos, garante que nada mudou entre os costumes Munduruku. Entretanto, apenas seis velhos ainda sabem tocar o "parecei", um instrumento de sopro feito da taboca, indispensável às danças de seu povo e que outrora todos sabiam tocar. Mesmo assim, assegura, os jovens têm demonstrado interesse pelo instrumento.

Um genocídio de 400 anos

Segundo documento distribuído pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) nada menos que 87 grupos tribais foram extintos, entre 1900 e 1957. Dados disponíveis na Funai, diz um dos assessores da Presidência do órgão, Cantídio Guerreiro Guimaraes, apontam para existência, no Brasil, de apenas 220 mil índios, contra os seis milhões da época do descobrimento. A Funai acredita que ainda existam perto de 60 mil índios arredios e, garante ele, se encontra preocupada com o desaparecimento da cultura indígena, fator observado mais acentuadamente entre os Gorotire, Gavião, Xavante, Pareci e Munduruku, principalmente nos últimos 30 anos.

Cantídio debita à conta do desmatamento acentuado nos Estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, o assédio às reservas indígenas. A falta de recursos da Funai, admite, contribui para que os índios, de várias nações, permitam a exploração dos recursos naturais de suas reservas, pelo homem branco, em troca de dinheiro e da construção de estradas, casas de alvenaria e de sistemas de abastecimento de água, como ocorre entre os Gorotire e os Gavião. Dos Cz\$ 800 milhões solicitados, este ano, ao Governo Federal a Funai recebeu apenas Cz\$ 398 milhões, além de uma suplementação, que ele não soube mensurar, agora em novembro.

Um imenso buraco

São poucos os costumes ainda preservados pelos Munduruku e irmã Maria José menciona até mesmo a ocorrência de choques entre jovens e velhos, em torno das danças antigas, a partir do início das atividades mineadoras, em 71. Desapareceu a festa da caça e, há cinco anos, não é realizada a "tinguijada", quando os índios, pintados com urucu e carvão, buscavam a captura de grandes quantidades de peixe, com o auxílio do timbó, uma raiz venenosa. Permanecem, porém, os costumes em torno do casamento, para o qual a idade mínima é de 14 anos, no caso das mulheres, e de 16, no caso dos homens; e até o ódio aos "pajés maus", quase sempre assassinados, por serem considerados nocivos à sociedade.

Os Munduruku se denominam Uenfenha, palavra que significa gente. Em sua mitologia, foram os últimos a serem retirados de um buraco, na região entre o rio Cururu e a Serra do Cachimbo, pelo deus Karusakaebe, tornando-se, assim, o melhor dos povos. Resta saber se Karusakaebe os retirará do imenso buraco do esquecimento, para onde estão sendo empurrados, juntamente com sua história, pela mentalidade colonizadora dos civilizados.

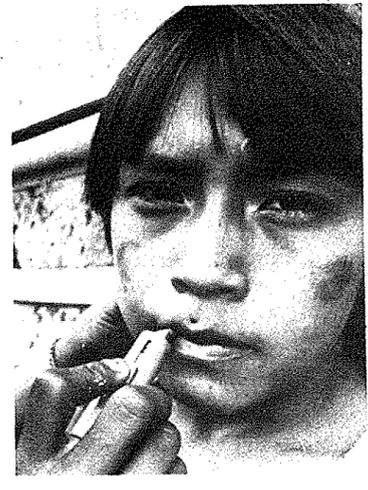
Ninguém bate esta oferta da Colares: máquina de escrever elétrica Facit com 30% de desconto.



A máquina de escrever elétrica Facit é bonita, mas resistente. Pode bater, que ela agüenta. E tem mais: tem carro com 42cm e tem tecla de correção. E quem é que tem Facit por esse preço, hem? A Colares tem.

COLARES

Show-rooms:
Av. Gentil Bittencourt, 527 e
Av. Assis de Vasconcelos, 359-A.
Tel.: 224-3276 e 223-1102.



O batom substitui o urucu.



O relógio, a panela e o banho tradicional.